



Teatro inaugural

Gabriela Mellão

Em TRÍPTICO, Roberto Alvim se apropria de forma autoral do universo de Richard Maxwell. A trilogia decreta o fim de uma antiga ideia de humanidade, anunciando uma nova realidade em cena, tão complexa e vigorosa como a vida

Um encontro histórico. Richard Maxwell e Roberto Alvim, dois dos autores e encenadores que mais contribuíram para o desenvolvimento do teatro experimental dos EUA e do Brasil nos últimos dez anos, se unem num evento de fundamental importância às artes cênicas da atualidade. Em TRÍPTICO, Alvim e seu Club Noir, grupo fundado por ele e pela atriz Juliana Galdino, apresentam no país um panorama da arte vanguardista – e inédita – de Maxwell. A trilogia composta pelos espetáculos *Burger King*, *Casa* e *O Fim da Realidade* – obras ao mesmo tempo autônomas e complementares –, perpetra uma reflexão incontornável sobre o homem da contemporaneidade. Apresenta aspectos distintos de sua formação, traduzindo cenicamente, de forma absolutamente original, o fim de uma antiga ideia de humanidade. TRÍPTICO impulsiona a cia. paulista em sua irrefreável busca pela conquista da singularidade e ajuda a definir os novos rumos do teatro contemporâneo nacional.

Burger King, peça do início da carreira do autor norte-americano, apresenta o cotidiano de uma franquia de *fastfood*, símbolo dos mecanismos de controle da sociedade de consumo. Através de uma construção fragmentada que subverte as tradições dramáticas, a obra destaca a lavagem cerebral realizada entre os empregados. De tão introjetada, ela é perpetrada pelas próprias personagens, sem a dicotomia usual padrão-carrasco X empregado-vítima, transformadas em seres manipuláveis, destituídas de subjetividade (a não ser no caso de clichês comportamentais tão impessoais quanto rasos), cuja capacidade criativa foi reduzida a padrões maquinais de comportamento. Há na obra tanto o enigma da solidão norte-americana presente em Edward Hopper quanto a superficialidade que aponta para um vazio abissal – temática central do trabalho de Andy Warhol.

Obra que consagrou Maxwell internacionalmente, *Casa* enfoca os relacionamentos familiares do homem de hoje. A solidão, o vazio e a incapacidade reflexiva das personagens de *Burger King* reaparecem, evidenciando a precariedade do viver também na esfera pessoal. A derrocada de antigos valores na contemporaneidade é ampliada na trama através da história de um homem que assassina brutalmente o ma-

Gabriela Mellão é dramaturga, jornalista e crítica de teatro.

rindo e o filho de uma mulher e que depois, sem explicações ou justificativas, é aceito por ela como seu novo companheiro de jornada. A vida doméstica, tal qual a profissional em *Burger King*, se apresenta regida por personagens tão inexpressivas quanto alienadas, portadoras de uma espécie de subjetividade a qual, como Maxwell parece apontar, configura-se como o novo modo de subjetivação em nosso mundo.

A frieza e a impessoalidade com que as relações humanas se estabelecem em *O Fim da Realidade*, texto que fecha o TRÍPTICO e corresponde à fase mais recente da escrita de Maxwell, chega a um grau aterrorizador. A peça acontece numa sala de segurança, na qual guardas preenchem o silêncio monologando incessantemente sobre qualquer assunto que pareça conferir sentido às suas vidas. Não interagem nem mesmo quando partem para o confronto físico. Nestes embates, mais uma vez agem como seres robotizados, protagonizando lutas estranhas, sem energia, que esvaziam até mesmo a violência.

Roberto Alvim encontra em Richard Maxwell o parceiro ideal para suas investigações artísticas inusuais, que buscam a criação de um novo teatro, propondo uma outra forma de perceber o homem, o tempo e o espaço. A arte do autor e diretor brasileiro é pautada pelas mesmas questões de Maxwell, cuja dramaturgia combina originalidade, desdramatização e reflexões sobre o futuro do teatro e da humanidade. O teatro de Alvim discute o rumo da civilização e das artes cênicas desde a fundação de seu grupo, em 2006, perseguindo o conceito de alteridade em obras-primas como *O QUARTO*, de Harold Pinter e *HOMEM SEM RUMO*, de Arne Lygre. Como Maxwell, anuncia a morte de uma ideia de humanidade, e se embrenha na construção de um novo mundo em cena, movimentando-se no contrafluxo da cultura, na contramão da padronização dos gostos e da vida.

Roberto Alvim e Richard Maxwell são dois lados de uma mesma moeda. Ambos pesquisam outros jogos de linguagem para o tea-

tro, *poéticas* que não reproduzem formas artísticas hegemônicas, e apresentam no palco uma nova realidade, estranha (ou crítica) àquela reproduzida pela cultura de massa. Usam suas criações para incitar o ser humano a deslocar-se sobre a terra de outras maneiras, em uma caminhada que se dá fora da instância da cotidianidade, em vivências estéticas que ampliam a experiência humana.

O universo de Maxwell e seu grupo, *New York City Players*, opõe-se radicalmente às fórmulas palatáveis dos espetáculos concebidos como produtos reconhecíveis. É intencionalmente artificial e precário, mas possuidor de uma estranha beleza. Tanto a dramaturgia como as atuações são cuidadosamente elaboradas de forma a presentificar a devastação de um mundo habitado por seres humanos rasos e inexpressivos. Não há representação em cena. Em busca de uma emoção nova – e portanto mais potente –, os atores comportam-se sem fingimento, dialogando geralmente em tons monocórdicos, mas permeáveis a uma paulatina e imprevisível contaminação pelo texto. Ao mesmo tempo em que o norte-americano rompe com a estrutura fundadora do teatro tradicional, o ilusionismo, trava um diálogo íntimo com o espectador, ao fazê-lo acessar um universo primário. Abre as portas para as primeiras sensações do homem, induzindo seu público a percorrer estradas ao mesmo tempo desconhecidas e familiares, de um tempo adormecido que remete aos primórdios da civilização e revela arquétipos em vez de personagens.

Maxwell atém-se sobretudo ao *musical*, um dos gêneros mais tradicionais da cultura norte-americana, criando o que se pode chamar de um *anti-musical*. As letras e melodias compostas por ele são surpreendentemente simples. A dramaturgia apresenta uma linguagem prosaica, sem qualquer lastro poético. O enfeite cênico é rejeitado por completo. A encenação despojada não utiliza ornamentos cênicos significativos, apenas objetos essenciais – e rudimentares. A iluminação também não poderia ser mais simples (e o simples é sempre o contrá-



rio do fácil). No espetáculo que apresentou no país, no FIT São José do Rio Preto 2010, ODE AO HOMEM QUE SE AJOELHA, por exemplo, a luz se resumia a um holofote móvel manuseado por um técnico que acompanhava a movimentação dos atores em cena. Incidindo frontalmente, desenhava as sombras das personagens no fundo branco do palco.

Apesar das similaridades ideológicas, a estética do Club Noir é muito distinta da desenvolvida pelo *New York City Players*. Para Alvim, o palco é espaço da escuridão, no qual a palavra é a grande força ordenadora, apresentada através de um trabalho de voz sempre memorável dos atores, cujo time é encabeçado por Juliana Galdino, uma das maiores atrizes da nova geração do país. A palavra reina absoluta em cena e abre espaço para o imaginário, possuindo a potência de fazer ruir as barreiras entre vida e morte, concreto e abstrato, tempo e espaço.

Além de resgatar o valor supremo da palavra, o teatro da penumbra de Roberto Alvim elimina o conceito de indivíduo. Ao mesmo tempo em que dá às personagens o estatuto de figuras ontológicas, requisita a imaginação do espectador para a compreensão da obra. A arte de Alvim dá vida a uma realidade tão sombria quanto misteriosa, na qual personagens assemelham-se a vultos que ameaçam a frágil percepção de ordem e de mundo da plateia. Através do conceito de imobilidade móvel, em que os deslocamentos se dão no tempo e não no espaço, a movimentação dos atores em cena é restringida ao máximo. A deslocação inusual do homem ressignifica o valor do gesto – também banalizado no mundo de hoje –, e elimina a percepção costumeira do sujeito. Essas figuras quase indefiníveis recebem rostos e biografias diversos na imaginação do público, como telas de projeção que beiram a neutralidade.

Na importante tarefa de apresentar Maxwell ao Brasil, artista definido pelo *New York Times* como um autor incontornável e pela *Entertainment Weekly* como uma das 100 vozes mais criativas do mundo, Alvim apodera-se do universo do dramaturgo norte-americano com

propriedade. Usa sua dramaturgia premiada, celebrada nos 16 países onde foi apresentada, sobretudo para o desenvolvimento de sua própria pesquisa.

TRÍPTICO não reproduz a abordagem de Maxwell como diretor em relação aos seus próprios textos, mas propõe uma nova leitura de seu universo. O espetáculo não se configura como uma ruptura na linguagem perseguida pela Cia. Club Noir, mas como continuidade e desdobramento. A penumbra toma conta da cena. Na visão de Alvim, o mundo criado por Maxwell é sombrio, temerário. A estética de TRÍPTICO instaura uma atmosfera de perigo, na qual o risco está a todo momento presente, mas nunca de fato revela sua face. A ameaça de uma espécie de violência enigmática, não identificável, é ainda mais aterrorizadora do que a violência em si. A encenação de Alvim consegue assim potencializar a força dramática de Maxwell em insuspeitadas veredas. Não há uso de refletores convencionais. Inspirado na obra do artista norte-americano Dan Flavin, o diretor brasileiro constrói a tênue iluminação de forma indireta, utilizando lâmpadas fluorescentes que universalizam os ambientes – que se transformam em telas para receber as projeções inconscientes da plateia –, e formam quadros de grande beleza através de pequenas mudanças de luz nas paredes laterais e do fundo do palco.

O minimalismo sempre foi um norte para o teatro de Alvim. Em TRÍPTICO, chega a seu ponto mais radical. O vocabulário reducionista da cena inteiramente limpa em que o ambiente é criado pelas palavras no *espaço mental* do receptor se harmoniza com a aparente inexpressividade dos textos de Maxwell. A apatia de suas personagens, tradução da falta de pulsão vital da contemporaneidade, mexe de tal forma com Alvim que gera o surgimento de um novo elemento em seu teatro: o humor, extraído do patético. Para citar alguns exemplos, em *Burger King* um ator surge no palco travestido de sanduíche. Dança sem nenhum entusiasmo uma coreografia ridícula e depois recobra as energias tragando pacientemente um cigarro; em

Casa, o humor ecoa a partir da música, que conforta as personagens de modo deliberadamente clichê, e por isso mesmo terrível. As músicas são reproduzidas em seus pequenos aparelhos de som portáteis, símbolos dos mundos internos das personagens, como se cada uma delas carregasse consigo sua pequena porção possível de subjetividade; em *O Fim da Realidade* agentes de segurança e invasores protagonizam uma luta automatizada, cuja falta de energia desvela novas leituras para a violência, tão glamorizada/espetacularizada na vida contemporânea. Ao servir-se da dramaturgia de Maxwell – ao mesmo tempo aberta, inconclusiva, enigmática e repleta de suspensões e elipses de espaço e tempo –, Alvim requisita ao máximo a capacidade imaginativa de seus espectadores, que de fato atuam como co-criadores da obra.

O mundo gerado pelo encontro cênico entre Maxwell e Alvim é desesperadamente angustiante. A vida humana é apresentada de

modo apático. O homem surge à mercê dos acontecimentos exteriores, desconectado de uma essência idealizada e sem controle algum sobre seu destino. É um ser estranhamente robotizado, alimentado pelas maiores enfermidades do mundo atual.

As buscas de Maxwell e Alvim por um teatro revolucionário estão ligadas a buscas maiores. A luta se dá na verdade pelo renascimento do homem e de toda a civilização. Para ambos, a criação de uma arte vital pode representar o princípio de uma outra humanidade. TRÍPTICO marca a união de forças de dois gigantes do teatro contemporâneo. Revela-se capaz de resgatar a força fundante do teatro através da construção de uma nova realidade no palco, tão complexa e vigorosa como a vida. É o resultado de uma batalha histórica do teatro contemporâneo por um mundo desparrilhado e por um teatro verdadeiramente inaugural.